

BALLONG-WEN-MEWUDA, J. B.

«Os Entrepostos Móveis e as Relações com os Povos Circunvizinhos» in Portugal no mundo , dir. por Luís de Albuquerque, vol. II, As Zonas de Influência do Ocidente. Origem e desenvolvimento da colonização . Lisboa, Alfa, 1989, pp. 99-111.

BN H.G. 40849/54 V.

99

Primeiros contactos com a costa ocidental africana = pirataria e razias forte resistência.

Evolução no sentido de estabelecer reciprocidade de vantagens comércio.

Feitorias e fortalezas apoiadas por um sistema de entrepostos flutuantes (= navios) penetração para o interior (subindo os rios); atingem-se importantes centros comerciais (tecidos, vidrarias, etc. ouro e escravos).

Comércio português e europeu em África nos séculos XV-XVII: duas formas:

comércio esporádico nalguns pontos de passagem - precede o segundo tipo, coexiste com ele e complementa-o; constitui também a forma privilegiada do comércio contrabandista; comércio permanente nas feitorias-fortalezas.

Desde o início, a maior parte das viagens portuguesas de exploração nas costas ocidentais africanas, sobretudo após a dobragem do Cabo Bojador, em 1434 , eram também viagens comerciais.

100

1444 - Lançarote obtém do Infante autorização para armar navios para uma viagem de exploração comercial: foi a primeira expedição comercial organizada por particulares nas costas africanas .

Entre 1434 e 1446 as expedições realizam-se num clima de agressão e de razias por parte dos Portugueses.

102

Objectivo de obter informações de ordem económica e comercial (ouro).

Actividade hostil como resposta das populações.

104

Entre Cabo Verde e o rio São Domingos, como salienta Vitorino de Magalhães Godinho , a Gâmbia permaneceu, a partir de 1456, a principal via de penetração; os Portugueses frequentavam as feiras de Cantor, onde chegavam numerosos navios entre 50 e 60 tonéis. Descarregavam toda a espécie de panos e tecidos, sedas, gorros, manilhas de lã, pedras de cornalina, guarda-sóis, etc. Os mercadores negros deslocavam-se das regiões longínquas às feiras com ouro, e os Portugueses compravam-lhes anualmente entre 5 000 e 6 000 dobras.
